

MÃE DEMAIS, PAI DE MENOS: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO FILME *INSTINTO MATERNO*.

EXCESSIVE MOTHER, LESSER FATHER: A PSYCHOANALITIC READING OF THE MOVIES
POZIȚIA COPILULUI - CHILD'S POSE.

Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt¹
Junia de Vilhena²

Resumo:

Este artigo apresenta uma leitura do filme “Instinto Materno”, tomado como ilustração das consequências de relações familiares em que o enfraquecimento da função paterna e a persistência de uma superproteção relacionada com a “função materna” atravessam o processo de amadurecimento das crianças e jovens, criando condições que dificultam ou impedem a construção de uma estrutura de valores e da autonomia necessária para fazer escolhas saudáveis nos diferentes momentos da vida. O conceito de “mãe suficientemente boa”, desenvolvido por Winnicott ao longo de sua obra (1975), em diálogo com o conceito freudiano de narcisismo, é tomado como fio condutor deste percurso.

Palavras-chave: Função materna; Função paterna; Narcisismo; Ética.

Abstract:

This article presents a reading of the movies "Child's Pose" taken as an illustration of those family relations where the weakening of the father function and the persistence of an over protection related to the "mother function" goes through the maturing process of children and youngsters, thus creating conditions that difficult or block the construction of a structure of values and autonomy needed to make healthy choices throughout different times of life. The concept of "good enough mother", developed by Winnicott along his work (1975) in a dialog with the Freudian concept of narcissism, is seized as the conducting wire of this trajectory.

Keywords: Paternal function; Maternal function; Narcissism; Ethics.

¹ Doutora em Psicologia Clínica. Professora do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Pesquisadora do LIPIS. E-mail: mines@puc-rio.br.

² Prof. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS da PUC-Rio. Pesquisadora correspondente do Centre de Recherches Psychanalyse et Médecine, CRPM-Pandora. Univ. Paris VII. Investigadora-Colaboradora do Instituto de Psicologia Cognitiva da Universidade de Coimbra. www.junidevilhena.com.br.

Introdução

Em junho de 2007, um grupo de jovens da Barra da Tijuca espancou quase até a morte uma doméstica “por acharem que era prostituta”. Em outro exercício de memória – embora, hoje, lamentavelmente nos acostumemos com os quinze minutos de fama de cada escândalo, atrocidade ou iniquidade –, recordamos que, há mais de uma década, em Brasília, três jovens atearam fogo em um índio, o Galdino, sob a justificativa de que não sabiam tratar-se de um índio – “pensaram que fosse um mendigo”. Podemos lembrar ainda que, em passado mais recente, um jovem embriagado, enquanto fazia um “pega” em um túnel fechado para veículos, atropelou o filho de uma conhecida atriz, e ainda, que o filho de um rico empresário, dirigindo numa estrada em alta velocidade, matou um ciclista de origem humilde.

O que esses episódios têm em comum? Em comum há o fato de que todas as famílias inocentaram seus filhos, usaram ou tentaram usar de suas influências para que a lei não os atingisse de forma alguma. Há também o fato de que essas famílias, em momento algum, responsabilizaram a si próprias ou a seus filhos pelas violências cometidas...

O que pensar acerca deste fenômeno com o qual nos deparamos de modo cada vez mais frequente, através de notícias nas seções policiais da mídia, envolvendo pais que tentam burlar as leis para proteger filhos irresponsáveis? Acidentes de trânsito causados por bebida, drogas e excesso de velocidade, atos brutais cometidos durante brigas em boates ou estádios de futebol, entre outros exemplos de violência, aparecem como sintomas de profundos distúrbios nas relações familiares, em que o enfraquecimento de atitudes parentais que reúnem simultaneamente autoridade, respeito e atenção, convive com o excesso de permissividade. Nesses casos, quando uma tragédia acontece, a família mobiliza-se para evitar que o jovem infrator seja submetido à lei, movimentando todos os recursos a seu alcance numa espécie de “vale-tudo”.

As vicissitudes do processo de criação dos filhos nas condições contemporâneas, que envolvem o declínio dos valores hierárquicos, associado à pressão intensa dos valores do consumo, que ditam as leis do sucesso social, são fatores que muito contribuem para o enfraquecimento da função da família como mediadora da inserção no simbólico. A educação tradicional (considerada apenas no sentido da tradição e não da nostalgia), orientada pela autoridade parental, levava a criança a introjetar a lei dos princípios da civilização, aprendendo, ao longo do tempo, a conduzir sua própria existência para um caminho ético e a ser responsável pelos seus atos de escolha.

Características peculiares das relações pais-filhos na atualidade, com o esmaecimento da função paterna e a permanência de um excesso de “função materna” considerada no sentido da manutenção de traços simbióticos primitivos, são questões que atravessam hoje, com frequência, o processo de amadurecimento das crianças e jovens, criando condições que dificultam ou impedem a construção de uma estrutura de valores condizentes com a vida em sociedade, bem como a aquisição da autonomia necessária para fazer escolhas saudáveis nos diferentes momentos da vida.

De acordo com Winnicott (1971), o destino de um sujeito que se constitui pode ser referido à interação de dois aspectos fundamentais: a herança biológica (o corpo) e a presença, desde o mais remoto início da vida, de um *ambiente facilitador*, onde as técnicas maternas de *handling* e *holding* permitem que o bebê (que “não existe”) vá podendo gradativamente transformar-se em “um ser que experimenta a si mesmo”, o que implica uma progressiva integração dos aspectos corpo, psique e mente.

É preciso lembrar sempre que a mãe suficientemente boa, a mãe ambiente, está ancorada

em uma cultura, e não podemos deixar de lado suas inscrições simbólicas no sujeito. Segundo Cyrulnik,

nas culturas em que a família está diluída ou onde a escola não é devidamente valorizada, é a delinquência, assim como as relações que se tornam os tutores do desenvolvimento. A criança resiliente, com esse nível de estrutura psíquica, neste contexto cultural preciso, será um excelente pequeno infrator, bagunceiro, ladrão e dotado para as relações conflitantes. A criança não delinquente, em determinados contextos sociais, será eliminada (1999, p. 21).

Recentemente, o filme intitulado em português “Instinto materno”, do cineasta romeno C. P. Netzer (2013), apresentou-nos um drama familiar que pode servir como ilustração de algumas dessas questões. Premiada com o Urso de Ouro no Festival de Berlim, essa produção narra os esforços de uma mãe para livrar seu filho da responsabilidade pela morte de um menino de 14 anos. Em seu “amor desmedido”, dita mãe, pertencente à elite ‘branca’ de Bucareste, espelha os efeitos de uma sociedade sem limites, sejam estes de velocidade ou de flexibilidade das leis, a depender daquele a quem elas se aplicam. Na história em pauta, o filho da classe dominante, dirigindo um Audi a 140 km/h, atropela um filho de uma família camponesa.

Propomos uma análise de mencionado filme em sua relação com as questões acima. O conceito de “mãe suficientemente boa” (WINNICOTT, 1971), em diálogo com o conceito freudiano de narcisismo, será tomado como fio condutor desse percurso.

O filme

Cornélia é uma *designer* bem sucedida, casada com um médico. Ambos pertencem à classe dominante da sociedade, na Romênia contemporânea. A mulher tem uma relação extremamente conflituosa com Barbu, seu único filho, um rapaz já na faixa dos 30 anos que luta para libertar-se do controle possessivo da mãe. Barbu, prestes a concluir um doutorado em química, saiu de casa para viver com Carmen, uma moça divorciada que tem uma filha, e de quem a sogra obviamente não gosta. Cornélia parece dedicar boa parte de seu tempo a controlar a vida do filho. Através de uma empregada que trabalha para o jovem casal, quer saber detalhes da arrumação da casa, da comida, do que Barbu está lendo, da sua relação com a enteada etc.

Alguns dias depois de seu aniversário, ao qual o filho se recusou, agressivamente, a comparecer, Cornélia recebeu a notícia de que Barbu se envolvera em um grave acidente, tendo atropelado e matado um menino, ao tentar ultrapassar outro carro, muito acima do limite de velocidade permitido no local. Cornélia começou então a tomar providências para livrar Barbu de um processo, apelando para pessoas poderosas. O marido, sempre envolvido com o trabalho, parece aceitar com fatalismo a inadequação de seu comportamento prepotente, que desperta a antipatia de todos. Cornélia, além de evocar nomes de pessoas influentes, tenta subornar policiais, assim como a principal testemunha do acidente, o motorista do outro carro envolvido na corrida que resultou no atropelamento.



Barbu, inicialmente, aparece como uma pessoa simultaneamente passiva e hostil à mãe. Gradativamente percebemos que ele tenta resistir às suas tentativas de ajuda para escapar do processo, afirmando que não vai mentir sobre a velocidade do carro. Deprimido e extremamente culpado, ele, na verdade, está disposto a submeter-se à justiça pelo crime cometido. Em um dramático confronto com a mãe, revelam-se as razões do seu comportamento em relação a ela. Barbu não odeia a mãe, mas não suporta mais o controle sofrido durante toda sua vida, os palpites, as críticas a suas atitudes, diferentes do esperado pela mãe. Barbu diz sentir-se incapaz de afirmar o que quer na presença de Cornélia. Implora para que ela se afaste por um tempo para que ele possa sentir-se livre, para um dia ter condições de procurá-la por sua própria iniciativa: “que isso leve semanas, meses ou mais tempo ainda”.

Uma interferência de Carmen na relação mãe-filho dá-se neste momento, no sentido de uma mediação, como de uma presença que surge para modificar o rumo da história. Apesar de não suportar a nora, Cornélia aceita ter uma conversa com ela. Tal conversa a deixa perplexa ao revelar-lhe toda a fragilidade de Barbu, seus rituais de limpeza, suas dificuldades de relacionamento sexual, sua decisão de terminar o casamento em função dessas dificuldades e o desespero sentido diante da responsabilidade pela morte do menino.



Cornelia (Luminita Gheorghiu), em *Instinto Materno*

Carmen também aponta a dimensão trágica da perda sofrida pelos pais da vítima, sugerindo que a família de Barbu pague, pelo menos, as despesas do enterro. Depois dessa conversa, Cornélia parece descobrir a existência de algo situado para além do seu mundo narcísico, e convida Barbu a acompanhá-la até a casa da família de camponeses para pedir perdão. Diz ao filho que só assim ele se libertará. Barbu vai com Cornélia e Carmen falar com a família, mas não tem coragem de sair do carro. Em um dramático confronto com os pais do menino morto, Cornélia emociona-se ao ouvi-los falar de sua dor e acaba falando da sua própria perda do filho que tanto idealizou, da criança pequena por quem era antes tão amada. Implora para que o casal perdoe Barbu, que só assim poderá continuara viver: “vocês ainda têm outro filho, mas eu só tenho um”. Insiste para fazer uma doação em dinheiro (que não ousa oferecer para o enterro) para custear os estudos do filho sobrevivente. Sai da casa acompanhada pelo pai do menino, que permanece no portão enquanto ela entra no carro. Barbu, então, toma coragem e vai até o homem. Assistimos de longe ao encontro silencioso, que termina com um aperto de mão.

Da mãe suficientemente boa ao excesso de mãe

Na introdução de seu livro “A criança e seu mundo”, Winnicott (1965/1971, p. 10) afirma que “todo indivíduo mentalmente são, todo aquele que se sente como pessoa no mundo e para quem o mundo significa alguma coisa, toda pessoa feliz, está em débito com uma mulher”. Continuando sua reflexão, o autor lembra que nos primeiros tempos da infância não existe a percepção de que somos totalmente dependentes, condição necessária para que, posteriormente,

possamos atingir a autonomia.

Como lembra Plastino (2009), na visão winnicottiana, cada homem, seus sofrimentos e sua felicidade, a integração de suas tendências eróticas e agressivas no sentido do surgimento da criatividade, as modalidades de sua inserção na vida social, dependem da qualidade do seu desenvolvimento emocional, indissociável da qualidade dos cuidados recebidos. Nesse contexto, o laço erótico com o outro co-constitutivo do sujeito é uma necessidade da natureza humana. É por isso que organizações de relações centradas no narcisismo, onde é impossível reconhecer a singularidade do outro, têm efeitos devastadores.

De acordo com Winnicott, quando, por distúrbios nas relações precoces entre a criança e seu ambiente, o processo de progressivo amadurecimento na direção de uma organização do self falha e a independência não são alcançados, de um modo paradoxal o medo de ser dominado parece gerar uma atração por diversas formas de relações marcadas pela dominação, incluindo-se aí vínculos mãe-filho que exigem de ambos uma total sujeição em nome do amor.

A trama do filme ilustra os efeitos negativos de uma relação superprotetora em uma família em que a mãe é uma figura poderosa, em contraste com um pai sempre ocupado com o trabalho e passivamente submisso em casa à prepotência da mulher, que pouco interfere nos atos praticados pela mãe, para a qual o filho parece ter a missão de realizar sonhos a que ela teve que renunciar. Sonhos de ser muito amada, de ser única e o centro da vida de alguém.

No seu clássico artigo de 1914 dedicado ao narcisismo, Freud colocou em relevo a posição dos pais na relação com o filho, afirmando que o amor dos pais pelo filho equivale a seu narcisismo recém-nascido. Os pais vão atribuir a Sua Majestade, o bebê, todas as perfeições, diz Freud, e no espaço entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo revivido dos pais, vão inscrever-se os votos que, na bela imagem de François Perrier (NASIO, 1989), são pronunciados pelas fadas boas e más em torno do berço do bebê. “Barbu era uma criança linda e tão carinhosa”, afirma sua mãe em certo momento do filme.

Pode-se dizer que o nascimento de uma criança implica dois momentos. O primeiro deles constitui o “momento do desejo”, no qual o futuro ser em formação carrega uma grande quantidade de expectativas: “que seja sadio”, “que seja lindo”, “que tenha os meus olhos”, “que seja inteligente” etc. O filho é, então, inicialmente filho do desejo. A imagem do filho ideal, fruto do narcisismo e pré-concebida na realidade psíquica da mãe, serve de sustentação imaginária durante o período de gravidez, no parto e nas primeiras semanas de vida da criança, que exigem da mãe uma total dedicação – um estado de “loucura” que Winnicott (1956/2000) chama de preocupação materna primária.

Este conceito de preocupação materna primária integra, porém, uma concepção mais ampla sobre a função materna (WINNICOTT, 1953/1975): a de mãe suficientemente boa. Esta deve ser capaz de, progressivamente, ir diminuindo os mimos e afastar-se da criança (permanecendo alcançável em caso de necessidade); assim, irá permitir que a criança se aproprie de seu espaço e descubra sua capacidade criativa, de modo a, mais tarde, tornar-se capaz de uma vida autônoma, produtiva e respeitadora dos limites impostos pelo princípio de realidade, que gerencia a vida no mundo externo. Essas duas faces da mãe parecem pertinentes para o entendimento do presente caso fictício, assim como de outros reais e semelhantes, com os quais nos defrontamos na realidade cotidiana e na clínica, ante crianças ou adultos gravemente adoecidos.

No texto intitulado “A preocupação materna primária”, Winnicott (1956/2000) parte do conceito de equilíbrio homeostático proposto por Mahler para descrever formas de relacionamento simbiótico, e discute a questão da relação mãe-bebê nos estágios mais precoces da vida da criança.

Pontuando que, nessa perspectiva teórica, o aspecto biológico é um fator preponderante no condicionamento da mãe para lidar com as necessidades do bebê, Winnicott propõe, contudo, ultrapassar o campo biológico e considerar o aspecto psicológico da relação e afirma a importância do ambiente, que pode distorcer ou favorecer o desenvolvimento do futuro sujeito (WINNICOTT, p. 399). Nesse estado de sensibilidade exacerbada, a mãe se preocupa com o bebê a ponto de excluir de sua vida qualquer outro interesse, por um período de tempo limitado, que naturalmente se esgota na medida em que a mãe, se for saudável, aceitar e aprender a amar a realidade do bebê.

A ideia contida no termo de “mãe suficientemente boa” implica, portanto, a aceitação de um segundo momento, em que um trabalho de luto precisa ser seja mobilizado. Trata-se da resignificação da criança-ideal: assim ao mesmo tempo em que deixa de ver o filho como perfeito, a mãe percebe seu progressivo amadurecimento na direção de uma crescente autonomia, e o valoriza por isso, deixando cada vez mais espaço para uma independência. Mesmo que a história psíquica da mãe seja uma história bem-sucedida e o filho seja saudável, a desilusão acarreta sofrimento.

A elaboração do processo que compreende a ilusão e a desilusão sobre uma criança, idealizada pelo desejo parental, será determinante para a consolidação dos vínculos objetivos com a criança e para a constituição de um representante relacional que permite que ocorra de maneira saudável o processo de integração corpo-psique no bebê: processo de personalização, segundo Winnicott. Essa é a tarefa da mãe suficientemente boa, respaldada por um pai que a sustenta com sua presença e que vai adquirindo ao longo do tempo sua progressiva importância como instância de autoridade.

Amar verdadeiramente um filho seria então aceitar perder o filho ideal e, ao mesmo tempo, funcionar como um espelho que possa refletir todo o seu valor apesar das imperfeições; o que significa que ser uma mãe suficientemente boa envolve aceitar a castração e poder substituir o eu ideal narcísico primário por representações mais amadurecidas do ideal do eu. Nas palavras de Winnicott (1975, p. 155), só assim a criança poderá começar “uma troca significativa com o mundo, um processo (...) em que o autoenriquecimento se alterna com a descoberta do significado no mundo das coisas vistas”. Para que aconteça o nascimento psicológico do indivíduo, a criança sonhada pela mãe deve ceder lugar ao bebê realizado. E se isto não acontecer?

Ao aprofundar-se na observação dos vínculos iniciais entre as mães e seus bebês, que se desdobram, depois, para as relações com a família e outras instituições, Winnicott elaborou, ao longo de sua obra, importantes ideias que muito nos ajudam na compreensão dessa questão. O autor mostra-nos, assim, o papel fundamental do ambiente de respeito e cuidado na construção de um self saudável, inserindo-se na vida social com autonomia, iniciativa, sentimento de competência e respeito pelos outros. Ele coloca em foco, também, os efeitos devastadores que podem ocorrer quando as relações não correspondem às necessidades da criança. Quando a capacidade de percepção empática da mãe encontra-se ameaçada pelos seus fantasmas inconscientes e/ou pela percepção de uma realidade carregada de frustrações, torna-se comprometida a consolidação do vínculo mãe-filho, base para o desenvolvimento emocional da criança. Se o pai não for uma presença efetiva, teremos as condições para o surgimento de diversos distúrbios.

A história de Cornélia e Barbu coloca em questão uma relação ambivalente, na qual é tão difícil para a mãe conviver com a ideia da autonomia do filho. Ela, que por um lado se orgulha tanto do adulto prestes a conquistar um doutorado, não consegue, por outro lado, deixar de vê-lo como uma criança ingênua e incapaz, que teria sucumbido aos feitiços de uma “mulher fatal”.

Assim, a mãe superprotege um homem considerado incapaz de viver sua própria vida, e esse olhar incide sobre ele causando uma série de dificuldades quanto à sua confiança e autoestima

(WINNICOTT, 1967/1975). Nessa relação, perpetuam-se, de modo ambivalente, a simbiose primitiva e uma desilusão sem remédio: o olhar da mãe ora vê uma imagem idealizada totalmente irreal, ora uma realidade sem atenuantes. A Barbu, que sofre com os sintomas decorrentes da impossibilidade de “viver a própria vida” longe de vínculos aprisionantes, resta revoltar-se com atuações que acabam voltando-se contra ele.

Concluindo

Piera Aulagnier (1999), ao falar sobre as origens da história do sujeito, lembra-nos que a experiência da gravidez comporta uma mobilização intensa da economia psíquica da mãe, mesmo quando o bebê se desenvolve bem e é declaradamente desejado. Para algumas mulheres, o contato com o filho real pode constituir-se numa prova perigosa, pelo fato de remobilizar todo um passado relacional que será revivido inversamente. Isto pode significar ter que reviver os problemas não resolvidos ou mal elaborados na relação com a sua própria mãe.

Embora não tenhamos informações sobre a história pessoal de Cornélia, podemos supor que a perda do filho ideal tenha reativado certas representações inconscientes relativas à sua infância, e assim aventar a hipótese de que ela instaurou com o filho, sob o efeito da compulsão à repetição, interações que reproduziram esquemas relacionais vividos por ela no começo da sua própria vida, que resultaram numa autoestima fraca, em desconfiança e na incapacidade de se integrar adequadamente na vida social. Talvez por não ter sido respeitada, também não sabe respeitar os outros.

É preciso, porém, convocar também a família, já que este “excesso de mãe” não se dá sem uma “falta de pai”, ou seja, como um sintoma familiar, atual ou pregresso.

Não é incomum a família ver-se como uma unidade psíquica, que não é apenas a soma de diversos aparelhos psíquicos individuais, mas uma psique originária feita da fusão e não da adição, sede dos núcleos simbióticos e aglutinados de cada um de seus membros (VILHENA, 2000). Sob a superfície de um sistema organizado por um princípio de homeostase, existe uma rede psíquica comum, muito mais arcaica e primitiva, indiferenciada e aglutinada: acham-se referidos a esta os sonhos, as fantasias primitivas e os investimentos libidinais de cada um de seus membros.

O fracasso da aquisição do sentido de realidade, que confere consistência ao existir, ocorre quando o ambiente falha no desempenho da função de apoio e proteção. Abre-se então espaço para uma *imposição* vinda da realidade externa, de tal maneira violenta que a criança é obrigada a *reagir*. Na visão winnicottiana, o trauma refere-se a essa imposição do ambiente e a uma reação do indivíduo à imposição, antes que haja um desenvolvimento dos mecanismos que possam tornar “previsível” o imprevisível, ou suportável o que seria antes insuportável. Winnicott marca a antítese entre os termos *ser* e *reagir*, afirmando que o reagir aniquila o ser, originando *ansiedades impensáveis*: despedaçar-se, cair para sempre, desorientar-se, isolar-se completamente por não existirem meios de comunicação (Winnicott, 1965).

Quando o ambiente, por alguma razão, fracassa em dar força ao ego incipiente, surgem as condições impositivas que possibilitam uma submissão à realidade externa, em vez do desenvolvimento da capacidade de uma *abordagem criativa dos fatos*. Eis a origem de modos de ser marcados pela agressividade patológica, como as condutas antissociais e a delinquência. Não há, em tais casos, a possibilidade de uso de um espaço simbólico (o espaço *transicional*, nos termos de Winnicott), pois este só pode ser construído com base num sentimento de confiança relacionada à fidedignidade da figura materna.

Nas entrelinhas da história narrada no filme, podemos perceber o objeto de desejo

narcísico parental (que corresponde a sua imagem e a dificuldade de os pais ocuparem o lugar de testemunhas desse crescimento, posto que o abandono de uma criança e a aproximação de um adulto sexuado, implicaria que seus pais ajudassem Barbu a migrar da posição de semelhança) para então procurar outros modelos identificatórios.

Como bem apontava Freud (1914), amamos nossas crianças como ectoplasmas de uma perfeição que as contingências da vida de certa forma nos negaram. Delas esperamos que nos ofereçam uma imagem de plenitude e de felicidade com a qual possamos identificar-nos e amar a nós mesmos. A criança é a caricatura da felicidade impossível.

Mostrando-se incapazes de escutar o desejo do filho e, simultaneamente, desconectados da sua dor, os pais não lhe ensinam o básico do processo de crescimento, qual seja: aquilo que diz respeito à espinhosa passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade, ou seja, a aprendizagem de adiar o seu prazer para que, a partir dessa espera, surja, verdadeiramente, uma demanda por algo.

Talvez possamos pensar que o comportamento controlador, prepotente e autoritário de Cornélia não passe de uma capa protetora, mascarando uma pessoa sofrida e afetivamente carente. Daí a necessidade de manter a qualquer custo a relação compensatória com Barbu no plano da ilusão de um amor sem limites, passando por cima de todas as leis que constituem o princípio de realidade: as que deveriam regular a relação mãe-filho instituindo a separação, e as que regulam a vida social, com todas as suas implicações éticas.

O ambiente facilitador pode ser resumido nas palavras de Winnicott:

O mais adequado que pode ser oferecido a uma criança é o desejo adulto de tornar os imperativos da realidade suportáveis até que se possa suportar o impacto total da desilusão, e até que a capacidade criadora possa desenvolver-se, através de um talento amadurecido, e converter-se em contribuição para a sociedade (1971, p. 102).

Na sofrida transição para a maturidade, que envolve aceitação e relação com o mundo do não eu, haverá a necessidade de estabelecer-se uma ponte entre a realidade e a fantasia, de modo que o indivíduo possa lidar, segundo as palavras de Winnicott, com o *insulto* do princípio de realidade, com seus limites, sua lei.

Referências bibliográficas:

- AULAGNIER, P. Nascimento de um corpo, origem de uma história. In: *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, vol. II – 3. São Paulo: 1999.
- CIRULNIK, B. (1999) *Souffrir mais se construire*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Ères.
- FREUD, S. (1914/1975) Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- NASIO, J. D. (1989) O narcisismo. In: *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- NETZER, C. P. (2013) Com Luminița Gheorghiu e Bogdan Dumitrache. Roteirista: Călin Peter Netzer. Título no Brasil: “Instinto materno”; título original: *Poziția copilului* (em inglês: *Child’s pose*). País de origem: Romênia. Distribuidor brasileiro: Imovision.
- PLASTINO, C. A. (2009) A dimensão constitutiva do cuidar. In: M. S. Maia (org.) *Por uma ética*

do cuidado. Rio de Janeiro: Garamond.

VILHENA, J. (2002) Da família que temos à família que queremos. A família como base de apoio. *O social em questão*. Vol. IV. p. 45-62.

WINNICOTT, D.W. (1956/ 2000) Preocupação materna primária In: D. W. Winnicott, *Da pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1953/1975) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D. W. Winnicott, *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1965/1971) *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. (1967/1975) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento. In: D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago.

Recebido em: 22/05/14

Aprovado em: 07/10/14